

Angústia do finito

A essa sua rudez que a ele, e só podia ser assim, parece graciosa, ela responde com uma ternura inabitual: “agora não”. “Mas está tudo bem, não gostamos um do outro” - diziam, a não ser desse modo indireto e oblíquo que ele chamava *desejo*. Sem a mediação do amor, desejaram-se durante todo esse tempo que se seguiu após as duas últimas estações. Ele de olhos grandes sobre seus seios, e ela tentando entender o que se passava por detrás de seu ceticismo cínico, o qual manejava astuciosamente em função do que queria. Nesses encaixes, rendeu-se, ele sabia bem, rendeu-se por vezes a um jogo nebuloso e vil, no qual ela andava como andam as sombras dentro da espessura de uma vida – a vida do homem. Para saciar a impetuosidade morna daquele descontínuo mas insistente desejo, tomaram emprestado os sentimentos de outros, e fizeram uso sujo de camas alheias. Tudo para criar espaços que sobrepujassem os dejetos de amores já idos. Justapondo, feito entulho de lixo, amores mortos, podiam, com toda a mácula do mundo nas mãos, oferecer um ao outro essa dose de indiferença – amarga bebida - que alimentava aqueles corpos que fingiam um desalento legítimo – era preciso fingir todo o tempo. Solenemente, criavam uma certa curta distância entre si – aí instalaram o encontro.

“Sei que não devo dizê-lo, mas digo assim mesmo, em cima de seu tolo triunfo, tal é a obviedade da conclusão: o desalento, querido, o desalento, a ficção, toda o cinismo que cabe num rosto, o desejo esvaziado de toda a corporeidade é a tradução ruim de um precário amor.” – com as palavras mornamente encolerizadas, ela organizava essa sintaxe.

¹ Mestranda em Teoria da Literatura (UFMG). Participa do conselho editorial do jornal mensal de literatura e outras artes *Pausa* Nasceu em Belo Horizonte, onde vive ainda hoje. Contato: maraizalabanca@gmail.com.

Acordara lembrando do último encontro, naquele bar de iluminação excessiva e paredes descascadas. Era preciso falar alto, o barulho era enorme. No fim da noite, entretanto, bastavam breves sussurros e um longo toque de pernas por debaixo da mesa. E todo o ininteligível tornava-se claro, magnífico. Mas ela lembrara especialmente do que acontecera depois da conversa falante e silenciosa no bar. Dos instantes no carro, dos corpos apertando-se um contra o outro, ainda que jamais tivessem se abraçado.

“A minha grande questão sempre foi o tempo, a sua, o espaço, a relação dos sujeitos com o espaço. Sabe-se lá o que se passa no interstício dessas noções cada vez menos nítidas nos novos dias.” – dizia ele no meio daquele semana, como quem não quer falar, admirando suas telas. “Você sabe que aos seus amigos agora importam menos as adversidades de tempo e espaço, são outras as sensações que lhes assaltam.” – respondia por vezes a mulher, com a mesma falsa desatenção no tom. “Mas preocupe-me ainda o tempo, o escoar célere dessa água infinita e incansável” – treplicava. Era o tempo que por vezes o aproximou dela, e agora tornava-se lentamente um rio de largura marítima, cada vez mais impercorível. É claro que havia muita ficção nesse leito que fundaram e por onde passou aquela história silenciosa; todavia, ela encarara a mentira com toda a verdade que lhe cabia, e ele, incapaz que foi de molhar as mãos e os pés nesse leito turvo e que não se deixa jamais domesticar, tomou a verdade numa impostura, como se queimasse os livros da estante, trincou o suspense envolvido nesse caminho em desvio, próprio dos canais que se desenham em relevos irregulares. Era em solo impenetrável onde permitiram escoar esse tempo d’um amor precário. Era o justo, o possível.

Havia mais de sete dias que não se falavam, não sabiam o que havia, o que dizia esse hiato, mas é fato que a comunicação tornava-se improvável, os telefonemas, e-mails, mensagens, cada vez mais escassos. Tal redução – que escolheram – era resultado de uma economia das sensações que não atingem diretamente a alma, dissipam-se no ar. Então, a pele seca, a boca seca de palavras, sem a umidade quente do luxo da palavra que já não mais é certa, e mente. Fingir uma ficção é trabalho árduo, descobria a mulher, enquanto pincelava pontos negros sobre uma tela em branco.